

CIÊNCIA E RELIGIÃO*

PLANTINGA, Alvin; DENNET, Daniel. **Ciência e religião**: são compatíveis? Tradução Davi H. C. Bastos. Viçosa, MG: Ultimato, 2022.

Arthur Henrique Soares dos Santos**

De um lado, Alvin Plantinga é um dos mais conhecidos filósofos cristãos contemporâneos, trabalhando principalmente com epistemologia. De outro lado, Daniel Dennet é um dos mais conhecidos filósofos ateus contemporâneos, o qual se debruçou em filosofia da mente, além de ser reconhecido por suas críticas à religião. É inegável, portanto, que essa obra, que foi resultado de um debate entre os dois filósofos na *American Philosophical Association Central Division*, reúne duas grandes autoridades na discussão acerca de ciência e religião – com um foco delimitado na questão da teoria da evolução. O livro-debate, originalmente publicado pela Oxford University Press em 2011, chega em 2022 ao Brasil como o primeiro livro da série *Filosofia e fé cristã*, fruto de uma parceria entre a Editora Ultimato e a Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC²) que visa publicar em português obras da filosofia analítica da religião. A tradução, feita pelo também editor da série, Davi Bastos, é cuidadosa com as tecnicidades de cada autor, além de trazer várias notas de rodapé para os que não estão acostumados com a filosofia analítica da religião. Como será visto, é uma obra introdutória, de modo que o debate entre os filósofos é acessível e claro, embora eles certamente tenham seus problemas ao longo da discussão, que aos poucos se torna consideravelmente acalorada.

A declaração de abertura é feita por Plantinga no capítulo mais longo do texto, no qual ele defende duas teses: a) a crença teísta e a teoria evolucionária contemporânea são compatíveis; e b) o naturalismo, como a visão de que não existe Deus nem nada parecido com ele, é incompatível com a evolução. Acerca da primeira tese, o filósofo cristão defende que a teoria de que os organismos evoluíram a partir de um ancestral comum, por meio da seleção natural, não é incompatível com a doutrina cristã da criação. Plantinga argumenta que é

* Resenha recebida em 08/10/2022 e aprovado para publicação em 12/12/2022.

** Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: santosarthursoares@gmail.com.

possível que Deus tenha *intencionado* a evolução tal como ocorreu, inclusive guiando soberanamente as mutações de modo que “orquestrando o curso da evolução, ele poderia ter garantido o surgimento de criaturas do tipo que ele intencionou” (p. 27). Ele ainda considera, além de tópicos como o problema do mal, as objeções evolucionárias ao argumento teleológico e defende que, mesmo que o argumento teleológico tivesse caído (do que ele não discorda), a crença teísta e cristã pode ter sua racionalidade e aval independentemente de argumentos da teologia natural – o projeto básico da sua epistemologia reformada, tal como em *Crença cristã avalizada*.

Na segunda parte de seu primeiro capítulo, Plantinga ainda formula uma versão resumida de seu Argumento Evolucionário Contra o Naturalismo, acolhendo a evolução e criticando o naturalismo. Sendo *N* o naturalismo, *E* a teoria da evolução contemporânea, e *C* a confiabilidade das faculdades cognitivas humanas, o argumento pode ser exposto:

- 1 – $P(C/N\&E)$ é baixa;
- 2 – Quem aceitar N&E e também compreender que 1 é verdadeira, possui um anulador para C;
- 3 – Este anulador não pode ser anulado;
- 4 – Quem possui um anulador para C possui um anulador para quaisquer crenças que acredita serem produzidas por suas faculdades cognitivas, incluindo N&E.
- 5 – Logo, N&E é autoanulável e não pode ser aceito racionalmente (p. 42).

As premissas de 2 a 4 são tranquilamente aceitáveis. Como Plantinga sabe, a premissa polêmica é justamente a primeira, a qual afirma que a probabilidade de que as faculdades cognitivas humanas, dada a conjunção entre naturalismo e evolução, é baixa. É importante enfatizar que, como Plantinga nota, quase todos ou até mesmo todos os naturalistas são também materialistas, negando a existência de qualquer *self* imaterial. Portanto, ele distingue três formas de materialismo: materialismo lógico não reducionista, materialismo nomológico não reducionista e materialismo reducionista. O primeiro diz que propriedades mentais são distintas das propriedades físicas do cérebro e que sobrevêm, de modo logicamente necessário, a estas. O segundo defende também a sobreveniência, mas diz que a necessidade envolvida é nomológica ao invés de lógica. Já o terceiro diz que propriedades mentais são idênticas às propriedades físicas.

Plantinga argumenta que, em cada um dos três casos, o que importa para a evolução naturalista é apenas o comportamento bem adaptado, o qual é produzido pelas propriedades

físicas relacionadas às crenças. Contudo, “a seleção natural não dá a mínima para se a crença é verdadeira ou não. Ela recompensa comportamentos bem adaptados e pune comportamentos mal adaptados, mas não se importa com a verdade das crenças” (p. 45). Portanto, em cada caso, a chance de uma crença ser verdadeira é próxima de 50%, o que é uma baixa confiabilidade tendo em vista que, para ser confiável, uma faculdade cognitiva precisa produzir um número consideravelmente maior de crenças verdadeiras do que de crenças falsas. Portanto, aceita a primeira premissa, o resto do argumento leva ao resultado de que “O conflito real é entre a evolução, um pilar da ciência contemporânea, e o *naturalismo*” (p. 47).

Em sua primeira resposta a Plantinga, que resulta em um curto capítulo, Dennet concorda que a teoria da evolução contemporânea é compatível com a crença teísta, contrariando sua tese anterior em *A perigosa ideia de Darwin*, na qual defendera que ambas são incompatíveis. Contudo, mesmo que sejam compatíveis, Dennet argumenta que na verdade isso não é relevante, pois a crença de que o Super-Homem guiou o processo da evolução – apelada por Dennet de *super-homismo* – também é compatível com a teoria da evolução. Assim, ignorando todo o projeto da teologia natural e do evidencialismo teísta, Dennet diz: “Eu [...] não consigo ver nenhum motivo embasado na razão para preferir o teísmo dele [Plantinga] ao meu super-homismo” (p. 56). Para o filósofo ateu, o teísmo é tão “bobinho” quanto o seu altamente hipotético super-homismo. Já no que diz respeito ao Argumento Evolucionário Contra o Naturalismo, Dennet simplesmente afirma que as faculdades cognitivas humanas são confiáveis e foram geradas por uma evolução, mas não responde efetivamente ao argumento de Plantinga.

Em sua tréplica, Plantinga busca demonstrar que a ridicularização almejada por Dennet não funciona, afinal o conceito de Deus é radicalmente diferente do conceito do Super-Homem. No que diz respeito ao Argumento Evolucionário Contra o Naturalismo, Plantinga nota que Dennet somente afirmou que as faculdades cognitivas humanas são confiáveis e produzidas pela evolução, o que o argumento de Plantinga nunca questiona. O que o filósofo cristão questiona é “a probabilidade condicional de nossas faculdades serem confiáveis, dado o naturalismo e a evolução” (p. 73). Ou seja, se é improvável, como Plantinga argumenta, então o naturalismo deve ser racionalmente rejeitado. Isso não questiona nem a confiabilidade das faculdades cognitivas nem a evolução, mas sim o naturalismo. Portanto, uma vez que Dennet não responde o argumento de Plantinga, o filósofo teísta simplesmente diz que não há nada a replicar.

Em sua segunda resposta a Plantinga, Dennet volta a dizer que o teísmo é tão bobo quanto o *super-homismo* e que qualquer um que não seja cristão devoto percebe isso. Uma vez que Plantinga, um cristão devoto, não percebe isso, Dennet diz que isso se dá porque o cristianismo disciplinou a imaginação do filósofo cristão. Em seu desenvolvimento da crítica, Dennet, além de fazer elogios ao corpo sarado do Super-Homem, ainda faz várias confusões acerca da doutrina cristã, mostrando que ignora pontos básicos do cristianismo como as doutrinas da Trindade ou da divindade de Cristo. Contudo, é irônico o fato de que, nessa segunda resposta, Dennet diz que há um conflito entre ciência e religião e que “a ciência é vencedora” (p. 83). Aparentemente, o filósofo ateu prefere esquecer sua primeira resposta, quando disse que não havia conflito ou incompatibilidade entre ciência e religião. Sem dúvida, a contradição explícita de Dennet é notável neste debate. Já acerca do argumento de Plantinga contra o naturalismo, Dennet faz o mesmo que em sua primeira resposta e apenas reafirma suas posições novamente, sem responder de fato o argumento.

Em sua terceira fala, Plantinga se dispõe a argumentar o quanto o conceito de Deus é completamente diferente do conceito do Super-Homem, a fim de defender que o teísmo não é sequer um pouco similar ao hipotético *super-homismo*. Afinal, como o filósofo teísta argumenta, o teísmo crê que Deus é onisciente, onipotente, completamente bom, criador do mundo e até mesmo um ente necessário. Plantinga ainda diz, contra a comparação de Dennet, que “é um pouco constrangedor ter que apontar essas diferenças óbvias” (p. 95). O filósofo cristão ainda defende que, quando ateus como Dawkins e Dennet dizem que evolução e religião são incompatíveis, eles prejudicam a própria ciência, pois colocam o prestígio da ciência contra a crença em Deus. Portanto, afirmar, juntamente com Stephen Jay Gould e Michael Ruse, que não há conflito algum entre evolução e teísmo poderia ajudar na aceitabilidade da própria evolução entre as pessoas.

Ainda nessa terceira fala, Plantinga volta a tocar em seu Argumento Evolucionário Contra o Naturalismo. O filósofo diz sarcasticamente que Dennet e outros parecem pensar que “os naturalistas podem refutar esse argumento simplesmente o ignorando, anunciando em uma ou duas linhas desleixadas (ou arrogantes) que eles não acreditam na conclusão. Sem dúvida não acreditam, mas não é assim que se refutam argumentos” (p. 103). Depois de tal comentário, Plantinga ainda detalha mais ainda seu argumento de que, no materialismo, o conteúdo da crença não importa para o comportamento bem adaptado, o qual é produzido por propriedades físicas e não por questões semânticas de conteúdo. Ele dá exemplos de que o

comportamento bem adaptado precisa apenas de indicadores físicos precisos, que independam das crenças, como no caso de um sapo que capta uma mosca próxima para se alimentar ou de um sistema imunológico humano que detecta corpos estranhos de uma infecção. Portanto, “conquanto a indicação seja precisa, o conteúdo da crença pode ser qualquer coisa aleatória” (p. 108). Desse modo, ele reforça ainda mais sua defesa de que, dada a conjunção entre naturalismo e evolução, a crença não importa para o comportamento bem adaptado, e por isso a probabilidade de que ela seja verdadeira ou falsa é de 50%, havendo uma baixa confiabilidade das faculdades cognitivas se for aceita a conjunção entre naturalismo e evolução. Assim, a primeira premissa do argumento de Plantinga ganha um reforço neste ponto do debate.

A última resposta de Dennet, a qual resultou no mais curto capítulo do livro-debate, diz que “Plantinga quer mostrar, em outras palavras, que a ciência *depende do teísmo* para assegurar sua autoconfiança epistêmica” (p. 115). Contudo, o ateu volta a afirmar que a confiabilidade cognitiva dos seres humanos “é explicável sem apelo a uma genialidade inexplicável ou irredutível, a mentes materiais ou a uma mãozinha divina” (p. 116). Apesar de tais repetições, Dennet não chega a explicar como isso ocorre nem a responder o argumento de Plantinga, se limitando a, nos últimos momentos de sua resposta, falar em “imaginar como isso é possível” (p. 116). Sem dúvida, Dennet imagina várias coisas, até mesmo o Super-Homem. Entretanto, a capacidade imaginativa não confere justificção epistêmica aos seus argumentos.

Como pode ser visto a partir dos comentários anteriores acerca do debate entre Plantinga e Dennet, essa é uma discussão bastante acalorada, e os filósofos não poupam críticas sarcásticas um ao outro – talvez até mesmo rompendo as normas de boa vizinhança no debate filosófico. Além disso, as respostas de Dennet em geral não tocam os pontos críticos e centrais ao debate, de modo que o filósofo ateu se mantém em grande parte apenas na ridicularização do teísmo e na reafirmação, sem desenvolvimento argumentativo, de suas posições. Isso conta contra Dennet no debate, de modo que ele sem querer facilita a argumentação de Plantinga. Já a argumentação do filósofo teísta é muito bem formulada em sua primeira e terceira fala, embora ele também não seja imune a problemas em meio ao debate, principalmente no que diz respeito ao possível exagero de sarcasmo na crítica a Dennet.

Também deve ser ressaltado que o livro, escrito de maneira bem acessível aos que não estão acostumados com filosofia analítica, traz uma das exposições e defesas mais simples e diretas do Argumento Evolucionário Contra o Naturalismo, o qual tem uma versão mais completa na obra de Plantinga *Ciência, religião e naturalismo*. Talvez se possa dizer que o maior mérito do livro-debate está relacionado justamente à defesa desse argumento de maneira simplificada, além de introduzir o leitor iniciante ao debate filosófico acerca de ciência e religião, com foco especial na teoria da evolução.

Em suma, Plantinga e Dennet fazem, nesta obra publicada pela Editora Ultimato, um debate que introduz o leitor a uma das principais áreas de discussão no que diz respeito a essas duas áreas: a questão da compatibilidade entre teísmo e teoria evolucionária contemporânea. De maneira clara e acessível, o debate prossegue, de modo que a argumentação de Plantinga sem dúvida supera a de Dennet. Apesar disso, é certo que essa discussão não é e nem pretende ser um ponto final no debate; ela é apenas uma introdução aos questionamentos filosóficos que podem ser feitos nessa área: é um ponto de partida para que o leitor adentre mais ainda na filosofia analítica da religião, o que a série *Filosofia e fé cristã* pretende facilitar nessa e nas demais publicações feitas.